

Água só atrai estudiosos

São 7 horas da manhã. O guarda florestal abre os portões da Reserva Biológica de Aguas Emendadas para o carro da reportagem do **Jornal de Brasília** passar. Apesar de constar nos guias de turismo da cidade, só se entra na reserva com autorização do Departamento de Recursos Naturais (DRN). O diretor do DRN, Paulo César Magalhães, conta que alguns anos atrás as agências de turismo ligavam pedindo permissão para levarem visitantes. O departamento sempre negou.

Hoje, as agências não ligam mais. Cerca de 270 pessoas, na maioria grupos de estudantes, cientistas e estudiosos, visitam Aguas Emendadas anualmente. O silêncio do local só é entrecortado pelas batidas do vento sobre os galhos das árvores; pelo canto dos pássaros e o som dos animais ou ainda pelo ruído das rodas da bicicleta do guarda florestal e de uma caminhoneta que vigiam a área.

Andamos uns três quilômetros e encontramos o marco da reserva. Nele, estão escritos os versos do poeta Castro Alves: "É tão bom ter por árvores uns carinhos/ É tão bom de uns afetos fazer ninhos". O administrador de Aguas Emendadas, Ciro Gonçalves, acompanhou a reportagem por todo o parque, com muita atenção. Disse-nos que durante o dia os animais mais selvagens escondem-se em

suas tocas. Avistamos algumas palmeiras, que circundam as águas do pântano.

Ficamos decepcionados por um instante: não vimos as águas correndo em sentidos opostos conforme prevíamos. Ciro observou que realmente não dá para perceber o fenômeno, através da superfície das águas. Colocamos um barquinho de papel no local onde há o nó hidrográfico e percebemos que o barquinho ficou parado, como se duas forças opostas e iguais o paralisassem.

Andamos mais alguns quilômetros e encontramos o refúgio dos macacos, um local com muita sombra, árvores longas e frutíferas. Ali, alguns quatis comiam restos de frutas, grãos de milho e caroços de manga. Uma seriema, mais descontraída, correu alguns metros na frente do carro possibilitando uma pose para o fotógrafo Roque de Sá. Assustada, a ave voou e se perdeu no cerradão.

O dia chegava ao fim. Tínhamos a esperança de ver alguma onça, um veado ou mesmo um lobo e, de preferência, de longe. Um veado passou correndo rapidamente na nossa frente e desapareceu. Ficamos horas, no mesmo local, a esperá-lo. Ele não apareceu. Saímos da reserva felizes e com a impressão de que havíamos penetrado num refúgio onde a interferência humana ainda é pequena.